

Pequenas hidrelétricas estão abandonadas

Maioria das cidades capixabas possui uma usina desativada, enquanto a população sofre com o racionamento

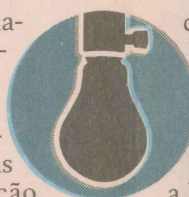
JOSÉ ANTÔNIO SARCINELLI E SUCURSAIS

Em tempos de racionamento de energia e ameaça de apagão, dezenas de pequenas hidrelétricas, espalhadas por vários pontos do Estado, permanecem abandonadas. Com algum investimento, a maioria poderia voltar a operar, abastecendo residências e iluminando ruas e praças públicas, contribuindo para reduzir a crise energética. Essas pequenas usinas são resultado de uma política energética, que predominou nos anos 1950/1960, onde cada cidade tinha a sua geração própria e ainda não existia a Espírito Santo Centrais Elétricas S/A (Escelsa), tal como ocorre hoje, abastecendo todo o Estado.

Muitas destas usinas ainda preservam os equipamentos originais. É o caso da hidrelétrica construída pela Prefeitura de Aracruz, em 1962, na localidade de Santa

Maria. Os botões só não são acionados novamente, segundo o secretário de Agricultura e Meio Ambiente, Almir Gonçalves Viana, devido à necessidade de investimentos, principalmente em linhas de transmissão e na modernização tecnológica dos equipamentos. "O custo é maior que o benefício, porque o volume de energia seria pequeno", alega.

Ele revelou que a Escelsa fez um estudo técnico para a Prefeitura e constatou que o volume de água é pequeno, o que constitui outro fator desestimulante para levar à frente a reativação da usina. Mas admitiu



que o estudo foi feito antes do país mergulhar em sua mais profunda crise energética. "Agora o contexto é outro. É possível que, mesmo com uma geração pequena, reavaliemos a possibilidade de religarmos a hidrelétrica", acrescenta.

A falta de recursos é a desculpa também da Prefeitura de João Neiva para justificar o desinteresse em retomar o projeto da hidrelétrica da Cachoeira do Inferno, no Rio Piraqueçu, cujas obras foram paralisadas em 1950, ainda na fase das fundações.

O que ocorreu em Aracruz é o mesmo que nos demais municípios capixabas on-

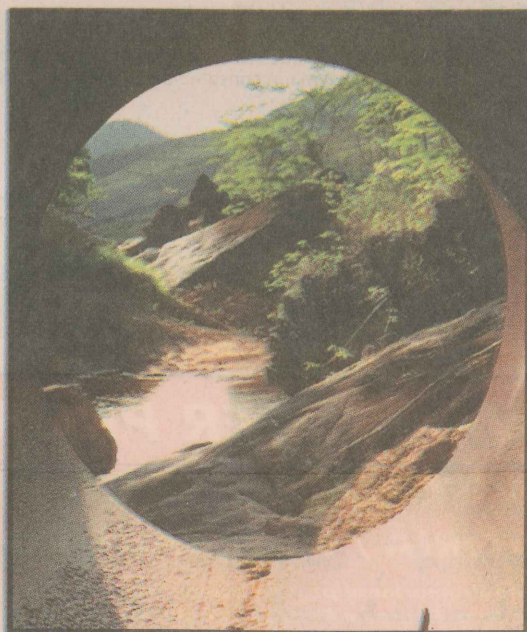
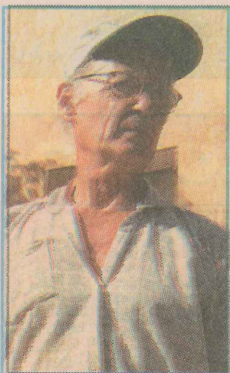
de havia geração própria. "Houve uma mudança de modelo energético", admite o consultor de energia do Sebrae e da Point Engenharia, Marcelo Mendes Medeiros.

A mudança no caso é a implantação de um sistema nacional interligado e a geração através de hidrelétricas gigantes, como Itaipu, com capacidade para suprir várias regiões do país. Este novo modelo foi consolidado pelo regime militar, a partir de 1964, que criou as estatais regionais de distribuição, como a Escelsa, em praticamente todos os Estados.

Devido à desativação das pequenas usinas, a geração dentro do Espírito Santo ficou limitada a apenas 14,06% da demanda do mercado regional. A maior parte da energia que abastece os capixabas é importada de Furnas e Itaipu.

MEMÓRIA

Aloisio Cometti e um dos tubos da usina inacabada da Cachoeira do Inferno, no Rio Piraqueçu, entre João Neiva e Ibirapu



Fotos de Gildo Loyola

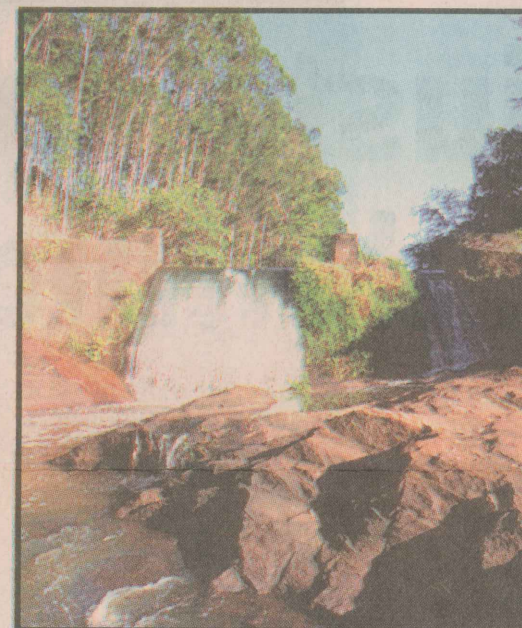


FAXINA

Verônica Monteiro: salário da Prefeitura de Aracruz para cuidar das turbinas

LUZ

A hidrelétrica, que na década de 50 iluminou Ibirapu, e a prefeita Naciene Vicente: sem recursos para a reativação



Rivalidade política pára

Uma turbina soterrada

Rivalidade política pára obra em 1950

O que poderia vir a ser uma hidrelétrica de médio porte, com capacidade para gerar energia para milhares de famílias e reduzir a dependência do Estado para com a energia importada, se limitou a dois imensos tubos de aço e uma base de concreto abandonados sobre as águas do rio Piraqueçu, na localidade de Santo Antônio, entre João Neiva e Ibirapu. A usina era um projeto do Estado e começou a ser executado pela Secretaria de Ações e Obras Públicas, no Governo Jones Santos Neves.

“A obra começou a pleno vapor. Havia o depósito dos equipamentos, os tubos, as comportas, brita, cimento. As turbinas vieram da Alemanha e todo o equipamento já estava no Porto de Vitória, quando tudo foi paralisado. A hidrelétrica não foi em frente porque houve eleição e para governador ganhou Chiquinho, que era opositor de Jones. E aí ele não continuou o projeto do rival”, revela o lavrador Aloisio João Cometti, dono de um terreno distante apenas 200 metros do local onde seria erguida a usina.

Ele conta que a hidrelétrica formaria um lago grande e a casa de força ficaria no final da Cachoeira do Inferno – cerca de um quilômetro abaixo da represa –, com uma queda de mais de 180 metros. “A água chegaria à turbina com uma pressão violenta. Haveria energia para suprir com folga João Neiva e Ibirapu”.

Aloisio morou no local até 1967 e acompanhou todo o processo, que se estendeu de 1949 a 1954. Hoje mora em João Neiva e realiza serviços freqüentes na propriedade. “Foi tudo abandonado: a areia, a brita, o cimento e as peças menores. Haviam aqui 100 caixas de dinamite, que desapareceram.

A base de concreto que sustenta os tubos de aço, segundo ele, consumiu cinco mil sacos de cimento. “Um grande desperdício, porque a obra não foi concluída. E nós agora temos que ficar racionando energia e pagando sobretaxa porque o Governo não investiu na geração e distribuição de energia”, desabafa. O estoque de cimento destinado à usina foi usado na construção da Igreja de João Neiva e do seminário de Ibirapu.

Todos os dias, há 18 anos, dona Verônica Monteiro acorda com o canto do galo, na primeira luz da manhã, para um dia duro de faxina. Só que em vez de quartos, salas, banheiros e cozinhas, sua tarefa é manter limpa a casa de máquinas da Hidrelétrica de Aracruz. No final do mês, recebe um ordenado superior a um salário mínimo.

O maquinário está perfeito e, segundo garante, é só ligar o botão que tudo funciona. Mas Dona Verônica nunca usufruiu da energia. Simplesmente porque durante todo este tempo a usina nunca foi ligada. “Desde que cheguei aqui, ela permanece parada, sem produzir nada”, revela desapontada. Ela e o marido, João Wilis, moram em uma casa anexa, que integra o patrimônio da usina. “Criamos aqui os nossos dez filhos”, revela.

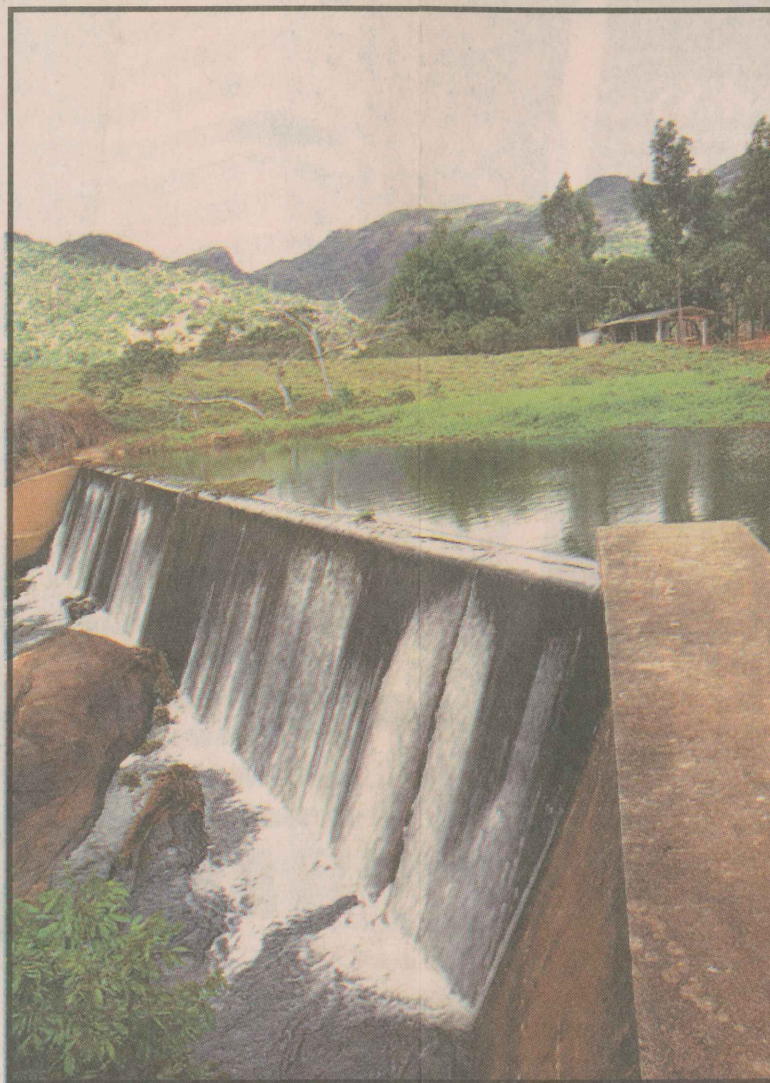
A hidrelétrica conta com duas turbinas, painel de controle e um banco de transformadores. O maquinário é nacional e em cada peça consta uma plaqueta de metal com um número de série e a inscrição “Patrimônio da Prefeitura Municipal de Aracruz”. A inauguração ocorreu em 9 de setembro de 1962, durante o primeiro dos vários mandatos do prefeito Primo Biti. Uma placa solene, na parede interna da casa de máquinas, revela que a obra foi projetada pelo prefeito anterior, Pedro Leal, e que contou com o apoio do senador Jefferson Aguiar, do deputado Dilio Penedo, da Escelsa e da firma carioca AEG.

No painel de controle, vários medidores, todos em perfeito

FAXINA

Verônica Monteiro: salário da Prefeitura de Aracruz para cuidar das turbinas

Represa vira área de lazer



PIQUENIQUE

O lago da hidrelétrica de Aracruz virou parque municipal; banho e churrasco em vez de energia

estado de conservação. Alguns ainda brilhando, graças à faxina diária de Dona Verônica. Dois deles são dedicados à medição da potência. A faixa de variação vai de zero a 8 megawatts (MW) indicando uma capacidade total de 16 MW.

A usina está situada na localidade de Santa Maria e também é alimentada pelas águas do rio Piraqueçu. Dali até Aracruz são apenas seis quilômetros. E até João Neiva, 11. O acesso se dá por uma estrada vicinal bem cuidada. A área em volta do lago e da casa de máquinas foi transformada em parque municipal e é tomada por um imenso pomar. “Limparamos toda a área. Tiramos todo o mato. O pomar se estende até à margem do rio e durante o verão atrai os moradores de Aracruz, que passam o dia ali entre banhos e churrascos. É proibido caçar e pescar no local.

A hidrelétrica nasceu com uma missão nobre: levar eletricidade para Sauassu, um município eminentemente agrícola, que se transformaria nas décadas seguintes – rebatizado como Aracruz – no terceiro município capixaba em geração de ICMS.

As turbinas da Usina Hidrelétrica de Aracruz foram acionadas pela última vez há quatro anos. Dona Verônica conta que de uma dela saiu muita fumaça – a mesma que vinha servindo de ninho para uma família de sarués – e o técnico explicou que era preciso retirar as peças para lubrificar. A turbina com problemas integra o patrimônio do município, sob o número 120.001.

Uma turbina soterrada sob as águas

A eletricidade chegou a Ibirapu na década de 30, mas não pelas mãos da Espírito Santo Centrais Elétricas S/A (Escelsa), a maior distribuidora de energia do Estado. Quem proporcionou este benefício aos moradores foi uma pequena hidrelétrica construída pela prefeitura na periferia da cidade. Quinze anos depois, em 1965, a Escelsa assumiu a responsabilidade pelo suprimento energético de Ibirapu. A usina perdeu então a utilidade e acabou sendo desativada.

A velha hidrelétrica não foi derrubada. Permanece em pé, porém está em estado de completo abandono. Não existe mais maquinário – a prefeitura vendeu os equipamentos em 1971 – e a casa de máquinas está tomada pelo limo. A turbina, segundo revelou o vereador Antônio Basílio Pignaton, foi encontrada recentemente por um grupo de pescadores, submersa em um pequeno lago que se forma logo abaixo do vertedouro da represa.

A usina está situada na localidade de Fazenda Bragato e utiliza a água do rio Taquaraçu. Em volta dela, meia dúzia de casas e uma escola municipal. A turbina foi “arrancada” da casa de máquinas pela própria água, num ano em que ocorreu uma grande enchente. Ela foi descoberta por acidente. “Alguém tropeçou numa ponta metálica, no fundo do lago, e percebeu-se que era a peça. Acreditávamos que ela tinha desaparecido”.

Sem chances

A reativação da usina chegou a ser cogitada por um empresário local, que utilizaria a energia para uso próprio. A idéia, no entanto, não avançou e o assunto sequer é discutido pela equipe técnica da Prefeitura, segundo informa o secretário municipal de Obras, Reinaldo Cirtoli.

A falta de recursos para a compra de todo o maquinário é o principal problema para a reativação da usina, afirma a prefeita Naciene Luzia Modenesi Vicente. “Teríamos que comprar todas as máquinas de novo e não temos recursos para isso”, garante.

RESPONSABILIDADE

Usina Mangaravith: abandono, sucateamento e depredação

Uma das mais tradicionais usinas do Sul do Estado, a Mangaravith, em Bom Jesus do Norte, agoniza vítima da violência. A hidrelétrica foi toda sucateada e os equipamentos destruídos ou roubados. Construída por volta de 1945, por um empreendedor privado, a hidrelétrica abastecia de força e luz boa parte do Vale do Itabapoana. Principalmente os municípios de São José do Calçado, Bom Jesus do Norte e Bom Jesus do Itabapoana (RJ). A usina utilizava as águas do rio Calçado para gerar energia. Para apurar a responsabilidade pelo sucateamento, A

Corregedoria-Geral da União (CGU) enviou ofícios à Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e à Secretaria do Patrimônio da União para, no prazo de 15 dias, prestarem informações. A usina estava sob a responsabilidade da Escelsa, que é quem deveria preservá-la, no entendimento da CGU, uma vez que a empresa é concessionária da União para a execução de um serviço público. A Mangaravith estava sob os cuidados da Eletrobrás até a privatização da Escelsa, em julho de 1995. A usina produzia cerca de 1.450 KVA e após a privatização da Escelsa foi desativada.